

Outra Travessia, um novo olhar

“Lançar uma revista de arte num meio acanhado como o nosso, onde quase todas as tentativas literárias e artísticas falham por falta de auxílio do público, é, já por si, digno de admiração, pelo que tem de arrojado”. Estas palavras de Fernando Pessoa endereçadas à revista *Athena*, nos idos de 1925, calham à perfeição para se pensar a gestação da revista *Travessia*.

O número inaugural, lançado no segundo semestre de 1980, inicia uma série que hoje, contando as duas denteições da revista, chega ao seu quinquagésimo número. Boa ocasião, pela coincidência da efeméride, para dedicá-lo ao cinquentenário da UFSC e, em paralelo, homenagear o renomado escritor, ensaísta, poeta e professor emérito Helder Macedo.

Não seria forçoso afirmar que o lançamento do periódico *Travessia*, publicação do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, foi uma empresa arrojada, sobretudo se se considerar as limitações técnicas de então. Cabe lembrar que, nos seus primórdios, alguns exemplares foram impressos a partir de uma matriz datilografada. Desnecessário afirmar que, aos poucos, houve sucessivas melhorias no aspecto visual com a contribuição das técnicas fotográficas, redefinição do nome, do foco e escopo e formato da revista e, por fim, com a editoração eletrônica do periódico, bem como a sua adequação aos novos imperativos dos órgãos de fomento. Atualmente, a revista é avaliada pelo Qualis/CAPES com o conceito B1. Penso que um conceito A2 seria bem mais condizente com o histórico desse importante periódico de reconhecida relevância acadêmica. Importante ressaltar que, tomando de empréstimo os antológicos versos de “Tecendo a Manhã”, de João Cabral de Melo Neto,

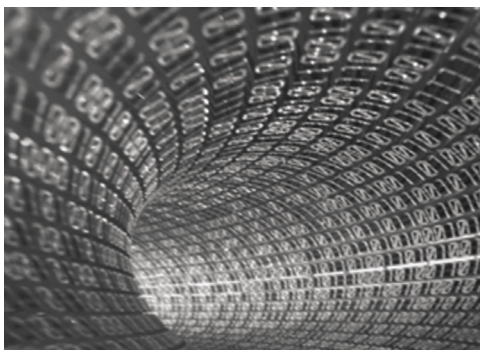
Um galo sozinho não tece a manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda

Número a número, vencendo as dificuldades de financiamento para a sua publicação, os cronogramas de envio de textos, a elaboração de pareceres, os contatos com os autores, silêncios, vozes, vácuos, que a revista alcançou a sua maturidade.

Agora Outra Travessia, segunda dentição da revista Travessia, tecida por linhas de força nem sempre afins, reveladoras das tomadas de posição teóricas iminentes ao Programa de Pós-Graduação em Literatura, manteve uma certa coerência, desde o primeiro número, no que diz respeito à difusão do conhecimento novo e inovador sobre temáticas relacionadas ao campo da Literatura e da Teoria Literária e, por que não dizer, aberta às conexões e aos diálogos com as áreas afins.

Acompanho a história da Outra Travessia mais de perto desde meados de julho de 2009, quando assumi a coordenação da Pós-Graduação em Literatura, na UFSC. Na qualidade de Editor-Gerente da Revista, afora assegurar regularidade semestral na publicação, o esforço foi concentrado na migração dos dados para o Portal de Periódicos da UFSC. Perdões pela digressão, mas ao visitar a Biblioteca de Amsterdã, Neederland, não pude deixar de me surpreender com um cartaz exposto ao lado de uma estante contendo mais de 44 mil CDs da música universal. O cartaz convidava o olhar a um devaneio por um túnel digital. Para alguém habituado na infância a um certo programa televisivo intitulado “O túnel do tempo”, a imagem era demasiado sugestiva. Nela via com justeza o fascínio do convite e o movimento a ser realizado, a migração de um corpus por invisíveis canais – em resumo, toda uma travessia textual da letra impressa ao pixel.



Banner exposto na Biblioteca de Amsterdam
(12/julho/2010)

Nesse sentido, vale referir que o número 7, um dossiê sobre leituras contemporâneas de Glauber Rocha, organizado pelo Prof. Sérgio Medeiros, foi disponibilizado, a um só tempo, em 2010, em meio digital e em meio impresso, o que por certo, favoreceu a disseminação e maior democratização de pesquisas de excelência nas áreas de Literatura e Teoria Literária.

Segundo Andréa Figueredo Leão Grants, responsável pelo Portal de Periódicos, da Biblioteca Universitária da UFSC,

a hospedagem da Outra Travessia vêm ao encontro do obje-

tivo do portal em oferecer suporte aos periódicos científicos da instituição, alinhando essas publicações com os padrões de qualidade nacional e internacional de suas respectivas áreas. Nesse contexto, iniciou-se o processo de migração do suporte impresso da revista para o suporte on line. Esse processo compreende, de modo estrito, três fases, a saber: a) o tratamento da informação por meio da digitalização do documento impresso, conversão do arquivo em PDF/A e preenchimento dos metadados; b) mapeamento dos autores que publicaram nas edições, resgatando dados elementares necessários para o cadastramento dos mesmos na plataforma; c) inserção dos arquivos no sistema, organizando o sumário e publicando a edição. Transpor um periódico para o ambiente web requer, por parte do editor, um novo olhar, sobretudo relacionado à adequação às novas regras que visam garantir a interoperabilidade entre os diversos sistemas disponíveis, a indexação em bases de dados nacionais e internacionais e a preservação dos direitos autorais. Assim, sobre o último aspecto abordado, optou-se pela escolha de uma licença creative commons que tangenciasse a política de direito autoral da revista. Cabe ressaltar que a Biblioteca Universitária foi uma das pioneiras a implementar o serviço de identificação digital – DOI (Digital Object Identifier) em um Portal de Periódicos. Os estudos iniciaram em maio de 2010 e a revista escolhida para receber primeiramente o comando DOI, que garante um link permanente ao conteúdo informacional, foi a *Outra Travessia*”.

Pretende-se, salvo melhor juízo, que este número encerre um ciclo, uma vez que se espera que a revista passe a ser publicada somente em meio eletrônico pelo Portal de Periódicos da Biblioteca Universitária da UFSC. Considerando a importância de resgatar a história e a trajetória da *Travessia*, convém salientar também que quase toda ela foi igualmente disponibilizada em meio eletrônico e encontra-se acessível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/>>. Para que esse movimento chegasse a bom termo, primeiro fez-se necessário localizar todos os números da *Revista Travessia*. Deixo registrado aqui que graças à colaboração das professoras do Programa de Pós em Literatura, Tânia Regina Oliveira Ramos e Zahidé Muzart, idealizadoras da revista, e da professora Ana Luiza Andrade, esse projeto tornou-se possível, uma vez que elas gentilmente disponibilizaram os números que dispunham. Em seguida, fez-se necessária a elaboração do projeto intitulado “*Travessia em Linha*”. objetivando a migração dos dados para o meio eletrônico e o respectivo protocolo na Reitoria. Depois da análise do projeto pela equipe do Portal de Periódicos e a respectiva aprovação, deu-se início à digitalização dos números da revista *Travessia* – vale destacar os esforços de Ellen Berezoschi, aluna da graduação em Letras/UFSC, para a culminância exitosa desse projeto. A criação do logo e da página, repensar a política, e o foco, o escopo, realizar o cadastramento de todos os autores e membros do conselho consultivo, indexar a revista em portais credenciados: foram as ações vitais para que toda a série da *Travessia* fosse disponibilizada em meio eletrônico.

Ao fim e ao cabo, não poderia deixar de registrar que o processo de migração de dados quase todo ele, digamos, mecânico, despertou uma inquietação teórica. A partir da disseminação dos arquivos deste periódico na rede mundial pode-se, a um clicar, torná-la acessível, melhor, materializá-la, gratuitamente, ante os olhos do leitor. Mas até que ponto esse processo implica auferir materialidade à informação caso se

considere que o ambiente é “virtual”? Como isso afeta o ato de ler, toda uma prática de leitura? É com o aflorar de leve essa questão, sem a pretensão de aqui respondê-la, mas de disparar inquietações, que fecho inconclusivamente esta apresentação e passo a palavra ao escritor Helder Macedo, que muito gentilmente nos cedeu o seu instigante texto sobre a textualidade camoniana – longo para os padrões de um periódico, é certo, mas necessário para dar conta de toda uma circunavegação literária; e também nos brindou com três poemas inéditos de sua autoria.

O segundo ensaio, de não menor fôlego, é de autoria de Teresa Cristina Cerdeira, especialista em estudos macedianos. A autora centra o seu investimento discursivo numa análise do romance *Pedro e Paula*, para um mergulho, por que não dizê-lo, órfico nos abismos da arte na escrita de Helder Macedo. Na sequência, há um ensaio de minha lavra sobre o livro de poemas *Viagem de inverno*, de Helder Macedo, que, segundo ele, ajudou-o a compreender melhor a sua poesia.

Em “No desfiladeiro de incertezas: Natália, de Helder Macedo”, Maria Lúcia Dal Farra, no calor da hora, pensa o mais recente romance do autor, como um estado de inquietude interna onde os códigos se acham convulsionados, mas também encontrando nele uma serena impassibilidade, uma matéria fluente no seu natural mutante, oferecendo-se ao leitor no compasso de um thriller, com um desenrolar quase lúdico, bem humorado, irônico e transitivo.

Ainda a respeito do livro *Natália*, em “Com as mesmas letras”, não menos instigante ensaio de Laura Cavalcante Padilha, pensa-se este romance de Helder Macedo enquanto uma espécie de instalação artístico-verbal pela qual se propõe uma forma outra de pensar a relação entre Portugal, Brasil e África, fora do que a epistemologia hegemônica a concebe.

Em “Helder Macedo, por outras palavras”, Margarida Calafate Ribeiro ousa realizar uma leitura panorâmica da obra de Helder Macedo a partir de uma linha que cruza as múltiplas formas de escrita do autor e as suas constantes temáticas, espectros da história portuguesa, a saber, o sebastianismo, o colonialismo português em África, a ditadura salazarista, o 25 de abril e a democracia portuguesa.

Na continuidade, há uma miscelânea de textos, a saber: uma entrevista com Helder Macedo por Jane Tutikian; o artigo “Cesário Verde ‘lido’ por Klossowski: *Tableux Vivants*”, que possui como suporte teórico a leitura crítica de Helder Macedo, por António Carlos Cortez; e um texto de Annabela Rita, intitulado “... A linguagem que, como nenúfar...”. Embora não discorra efetivamente sobre Helder Macedo, perifrásticamente, a autora brinda o leitor com uma importante reflexão sobre a emergência das Literaturas Lusófonas, com olhar atento ao fenômeno gerado pelo encontro de culturas e pela inter e multiculturalidade que o processo de expansão marítima de Portugal provocou.

Este número também contempla um dossiê sobre a materialidade da própria revista. Fazendo jus aos propósitos de resgatar a história deste periódico, que, considerando as suas duas dentições alcança com esta edição o quinquagésimo número, convém deixar a palavra com os professores do Programa de Pós-Graduação em Literatura que repercutiram o canto do galo ao longo das travessias da Outra Travessia: Tânia Regina Oliveira Ramos, responsável pela primeira dentição da revista; Carlos Eduardo Schmidt Capela e Susana Scramim, que relatam a criação da Outra Travessia; e Sérgio

Medeiros, cujo volume organizado foi disponibilizado pela primeira vez em meio impresso e eletrônico. Que tudo isso anime o encanto numeroso das leituras!

Stélio Furlan
Coordenador da Pós-Graduação em Literatura